

# ‘Desvalorização já foi longe demais’, diz Bier

Wilson Pedrosa/AE - 7/2/2001

*Para secretário-executivo da Fazenda, o real já se depreciou muito para o ajuste nas contas externas*

SORAYA DE ALENCAR  
e ADRIANA FERNANDES

**B**RASÍLIA – Apesar de as incertezas aumentadas com a desaceleração mundial, o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, considera que a desvalorização do real ante o dólar já foi longe demais. “O que está escapando aos analistas é o fato de que essa pressão – e é essa a nossa avaliação – foi longe demais”, disse Bier. Para o secretário, a taxa de câmbio se depreciou mais do que o necessário.

Ele está convencido, porém, de que a situação do balanço de pagamentos – resultado de todas as transações do Brasil com o exterior – é “maneável” porque o País “se acautelou com recursos adicionais do Fundo Monetário Internacional (FMI)”.

O principal fundamento da avaliação do secretário é a continuidade da reação da balança comercial e a permanência do fluxo de investimento estrangeiro direto. Embora o governo já tenha anunciado uma redução desses investimentos para este ano e para o próximo, Bier disse que houve uma boa indicação no mês passado. “Não consigo

imaginar um mês pior do ponto de vista de expectativas do que setembro e, ainda assim, os dados indicaram um fluxo de investimento direto significativo, de US\$ 1,474 bilhão.”

Segundo ele, isso pode ser considerado um sinal do que deve acontecer no futuro: “A manutenção de cifras elevadas, ainda que mais baixas do que as deste ano e do ano anterior para o investimento direto”. O governo conta ainda, disse, com a entrada importante de recursos estrangeiros para o setor elétrico, com a superação da crise de oferta de energia e definição de regras na área.

Bier explicou que o exagero na depreciação do câmbio é decorrente principal-

mente da demora natural de ajuste das contas externas. “A balança comercial, por exemplo, não reage tão rápido”, afirmou.

Outro motivo, segundo ele, é que há divergên-

cia de opinião sobre o que pode acontecer com a economia mundial, depois dos atentados aos Estados Unidos (EUA), e sobre a magnitude dos efeitos dessa alta do dólar na economia brasileira.

**Especulação** – Apesar das críticas à reação do BC à elevação do dólar, Bier avaliou que o BC está atuando na dose certa, como fez há duas semanas ao adotar medidas de restrição à especulação com câmbio.

**‘BANCO  
CENTRAL  
ATUA NA  
DOSE CERTA’**



O secretário Amaury Bier prevê alguns trimestres de dificuldades

Sobre as críticas, disse ser “normal que, nessas situações de maior ansiedade no mercado, comecem a surgir as mais diversas opiniões.”

**Paciência** – O secretário advertiu que é preciso ter “paciência, tempo, perseverança e insistir num processo de comunicação adequada do que está sendo feito” neste momento de pressão

sobre o câmbio. “É preciso insistir que se olhem os fundamentos da economia brasileira sem a névoa de hoje, mas com uma perspectiva mais de médio e longo prazos.”

Um exemplo disso, segundo ele, é a “ansiedade” que se produz no mercado o fato de a relação entre a dívida do setor público e o Produto Interno Bruto (PIB) crescer muito com a de-

preciação do câmbio. “Esse é um fenômeno não necessariamente permanente, que pode ser temporário, então por que essa ansiedade toda?”, questionou.

De acordo com Bier, apesar do ingrediente adicional ao processo de desaceleração da economia mundial – os atentados de 11 de setembro –, há fatores importantes que têm de ser levados em consideração. O primeiro deles, e mais importante, é que os sinais da economia americana, nesse início de década, são completamente diferentes da sua estrutura quando houve a última retração sincronizada das economias desenvolvidas, no início dos anos 80.

Hoje, lembrou Bier, há um esforço muito grande de ajuste fiscal nos EUA que permite ao governo americano, sem preocupação, estimular a sua economia pela via do gasto público e redução de impostos e trabalhar com taxas de juros extremamente baixas. “Esse é o inverso da situação nos anos 80, quando havia déficit fiscal e inflação elevados, com a necessidade de uma reação de política monetária muito dura do Federal Reserve (Fed, o banco central americano).”

Mesmo diante desse cenário da economia americana, o secretário previu “alguns trimestres de dificuldade”. Mas é otimista: “Com a persistência, com a boa condução das políticas monetárias, fiscais e creditícias, chegaremos a uma situação de que a recuperação vai ser muito rápida a exemplo do que aconteceu depois de 1999 para 2000”.